

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA MEDIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Machado, Bruna Caroline¹

Orientadora: Prof^a Ms. Ana Cecília Oñativia²

RESUMO

Este trabalho expõe duas linhas teóricas que abordam a análise dos contos de fadas, uma psicanalítica, de Bettelheim e Corso, discorrendo sobre o quanto os contos permeiam o inconsciente de cada indivíduo, e outra antroposófica, defendida por Steiner, que explana o campo dos sonhos e o quanto estas estórias afetam o fundo de nossas almas, ambos justificando a importância deste estudo. Neste começo explana-se também uma pequena evolução dos contos ao longo dos anos. Na sequência apresentamos algumas técnicas para trabalhar a intervenção psicopedagógica utilizando contos de fadas, a princípio através das oficinas psicopedagógicas que utilizam o lúdico, materiais artísticos e recursos verbais e não-verbais; após, apresentamos a técnica do psicodrama, em que o indivíduo, preferencialmente em grupo, encena papéis, coordenados pelo terapeuta, para compreender os papéis reais e resolver bloqueios emocionais. Apresentamos também a técnica de grupos operativos, que trabalha as relações vinculares e a importância destas para as relações com o conhecimento. As técnicas são variadas, entretanto é importante escolher a que melhor se enquadra com o paciente e na queixa.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas são estórias provindas da Antiguidade e que sobreviveram até os dias atuais, mas que passaram por muitas mudanças ao decorrer das eras. Eram contadas oralmente, depois foram transcritas pelos Irmãos Grimm, transformaram-se em desenhos pela Disney e são atualmente mundialmente conhecidos.

¹ Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Estácio São Paulo; bcmachado1@hotmail.com. Artigo apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia, concluído em agosto/2017. Universidade Santo Amaro (UNISA).

² Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); coordenadora do curso de Neurociência na Educação e Arterapia Escolar na Universidade de Santo Amaro (UNISA). aonativia@prof.unisa.br

Ao decorrer dessas mudanças, os contos foram sendo alterados e em grande parte, perderam seus elementos principais para que fossem mais aceitos pela sociedade atual. Entretanto para o trabalho de análise nas salas de psicopedagogia, precisa-se, preferencialmente, dos contos originais, para uma visão mais profunda destes.

Neste trabalho compreendeu-se, por meio do estudo realizado pelos autores pesquisados, que seguir apenas uma linha teórica para análise dos contos, torna-se impossível, já que estes são amplos e lidam com o inconsciente, com o fundo das almas dos indivíduos, portanto, quanto mais abrangente, melhor será o trabalho.

Os contos são trabalhados no processo de intervenção e/ou mediação psicopedagógica, onde o paciente escolhe um conto e a partir dele o terapeuta vai trabalhando a técnica escolhida e fazendo a análise dos pontos apresentados na estória em questão, para então intervir da melhor maneira, vencendo os bloqueios que apresentam os ruídos na aprendizagem.

O objetivo deste trabalho é de explanar sobre a importância das técnicas utilizadas para o trabalho dos contos de fadas, auxiliando os pacientes a lidarem com transtornos emocionais que trazem ruídos na aprendizagem.

As técnicas, grupais ou individuais, trabalham sempre focadas nos motivos do não aprender, do que há por trás desta situação, visando encontrar um caminho, junto ao paciente, para sanar aquilo que causa os bloqueios.

Para buscar auxiliar nas intervenções, são postuladas aqui três técnicas de intervenção, utilizando os contos de fadas, como ideias e como expansão de opções para a mediação com essas estórias fantásticas, visando o vínculo da criança com o conhecimento.

1. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO INFANTIL

Analisar os contos de fadas, estórias advindas da Antiguidade e que sobrevivem até os dias atuais apenas por uma linha de pesquisa é impossível, já que não há apenas um caminho para o entendimento de cada conto e de como cada

criança, indivíduo único, utilizará este conto para suprir e superar suas necessidades.

Seguindo a linha antroposófica, introduzida no início século XX, pelo austríaco Rudolf Steiner, que busca a compreensão da natureza, do ser humano e do universo, considerando inclusive o mundo espiritual, os Contos de Fadas, e apenas estes, atingem o fundo de nossas almas, sem que nós percebamos, pois, como aponta STEINER (2002)

O prazer estético que a pessoa vivencia nos contos de fadas está muito longe do que ocorre na alma humana, lá nas profundezas do inconsciente, quando aquilo que o conto de fadas emana e deixa fluir de si mesmo se une à alma humana, por que essa alma tem uma necessidade inextinguível de deixar correr por suas veias espirituais o conteúdo dos contos de fadas, do mesmo modo como o organismo tem a necessidade de fazer circular em si mesmo a substância nutritiva. (STEINER, 2002.p. 15)

Esta mesma linha diz respeito aos sonhos e a maneira como lidamos com o consciente e com o inconsciente em nossos dias, sempre dando uma maior importância ao nosso consciente, ao que vivemos e passamos acordados, dando pouco ou nenhum valor ao inconsciente, onde internalizamos e apreendemos maneiras de lidar com as situações da vida. O que na antiguidade ocorria no sentido oposto, já que possuíam uma maior sensibilidade aos sonhos e ao inconsciente e a partir daí passavam a disseminar os contos com seres fantásticos que para eles realmente existiam e representavam dificuldades vividas.

Seguindo então uma linha mais antiga, criada por Sigmund Freud, a psicanálise, teoria da alma, onde o psicanalista estuda um indivíduo através da interpretação do inconsciente e de tudo que este guarda no fundo da alma, notamos que há também uma valorização do nosso inconsciente, mesmo sem utilizar a palavra sonho, comumente usada por Steiner.

Bruno Bettelheim (1903-1990), discípulo de Freud, dedicou grande parte de sua vida trabalhando com crianças e fez um profundo estudo sobre a psicanálise dos contos de fadas, de grande valia para a humanidade e para o estudo da alma humana. Em seu livro, A Psicanálise dos Contos de Fadas, Bettelheim aprofunda a análise de diversas histórias, mostrando-nos os verdadeiros significados.

Os contos de fadas e seus seres fantásticos, que por muitas vezes rejeitados por se tratarem de fatos irrealis, após a desmistificação da inocência das crianças

pela a psicanálise, voltaram a fazer parte do repertório infantil, para auxiliá-las no mundo externo com a criatividade, o repertório, o vocabulário, e no mundo interno ajudando-as nos conflitos atuais e futuros, passados por todos os indivíduos em todas as fases de suas vidas, essenciais para o amadurecimento.

Enquanto adultos, podemos compreender a nossa existência através da nossa inteligência e da experiência que obtemos ao decorrer dos anos, já com as crianças, precisamos auxiliá-las a encontrar este significado, para que possam lidar com o turbilhão de sentimentos impostos pela sociedade, e de acordo com Bettelheim (1980, p. 12), a melhor forma é através das histórias, pois “nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar, vem nossa herança cultural, quando transmitida da maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação”.

Nos contos de fadas, além dos seres fantásticos, as crianças se deparam com personagens reais, dilemas e com sentimentos difíceis de lidar, tais como a morte de progenitores trabalhando as pressões do id, princípio do prazer, mostrando caminhos para satisfazê-las, sem ferir o superego, princípio inibitório, trazendo para o ego, a realidade do indivíduo, transformando assim seu subconsciente, preparando-o para os conflitos.

Sustentando esta teoria supracitada, em seu livro *Fadas no Divã*, Corso (2006, p. 18) sugere que “contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças, é um modo de ampará-las em suas angústias, ajuda-las a nomear o que não podia ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento”.

1.1 Evolução dos Contos de Fadas

Nos primórdios, os contos de fadas eram momentos coletivos de entretenimento, onde um contador de histórias utilizava apenas a oralidade para transmitir os contos e com o passar do tempo passou para publicações para burgueses, elitizando o conhecimento e a cultura, com gravuras e mais tarde programas televisivos e cartazes de cinemas famosos, excluindo a necessidade de um adulto transmitir o conhecimento, bastava a tecnologia.

Junto a essa evolução, evoluía-se a sociedade, onde a princípio não se dissociava o mundo doméstico do resto da sociedade, nem o mundo do adulto com

o da criança, não se via a necessidade de educar as crianças, pois não havia ideia clara sobre a infância. Na divisão do mundo doméstico com o mundo do trabalho, os contos ficaram apenas para as crianças.

Na Idade Moderna, passou-se a fabricar produtos de acordo com a faixa etária e houve o que Bettelheim chama de darwinismo dos contos, os quais foram se adaptando às mudanças sociais e dos indivíduos.

De que maneira estes contos chegarão às crianças, não é nosso foco, o importante é que eles cheguem, pois elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, entram na trama e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos, ou até se apropriam de partes dos contos. “o que fica de um conto para uma criança é o que ele fez reverberar na sua subjetividade, aliada ao fato de como chegou até ela” (CORSO, 2006. p. 29)

1.2. Conto de Fadas versus O Mito

Para muitos, por conter também seres fantásticos, os mitos são muito próximos aos contos de fadas e talvez também possam ser utilizados para trabalhar o inconsciente das crianças, entretanto há diferenças cruciais que nos levam a predileção aos Contos de Fadas para este processo.

O sentimento dominante que um mito transmite é; isto é absolutamente singular; não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, ou em qualquer outro quadro; os acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não poderiam possivelmente acontecer a um mortal comum como você ou eu. A razão não é tanto que os eventos sejam miraculosos, mas porque são descritos assim. Em contraste, embora as situações nos contos de fadas sejam com frequência inusitadas e improváveis, são apresentadas como comuns, algo que poderiam acontecer com você ou a mim ou à pessoa do lado quando estivesse caminhando na floresta. Mesmo os mais notáveis encontros, são relatados de maneira casual e cotidiana. (BETTELHEIM, 1980. p. 47)

A criança não enxerga seus conflitos com heróis, filhos de deuses, capazes de vencer tudo, elas notam os mitos muito distantes delas, portanto esse tipo de estória serve para entreter, mas para trabalhar o íntimo dos indivíduos não cabe. Inclusive porque os mitos são pessimistas e nem sempre acabam com finais felizes, e o otimismo e a certeza de que no final seremos felizes, é o que dá segurança para que a criança afrente seus conflitos e estabeleça um equilíbrio entre os processos de interação.

Com isso notamos que os Contos de Fadas lidos pelas crianças ou para as crianças são essenciais na formação psíquica de cada indivíduo, fornecendo bases para lidar com os conflitos advindos ao decorrer de nossas vidas.

2. A IMPORTÂNCIA DO USO DOS CONTOS DE FADAS NA MEDIAÇÃO ATRAVÉS DAS OFICINAS PSICOPEDAGÓGICAS

Ao brincar a criança indica suas estruturas mentais, seu nível de desenvolvimento biológico, psicológico e social. Durante as brincadeiras, a criança expressa seus sentimentos e seus pensamentos e o adulto se for atento, observará como se processa esse desenvolvimento, as aprendizagens, como aquela criança se constitui como sujeito, como se organiza.

O brincar é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo e permite que este cresça de maneira saudável e em harmonia. Além de auxiliar no desenvolvimento, enquanto brinca, elabora conflitos internos e sentimentos, organizando a mente, seus pensamentos, conhece a si e ao outro, conhece o mundo, aprende regras, supera dificuldades e limites.

As Oficinas Psicopedagógicas têm uma ligação forte com o lúdico, o jogo e a brincadeira. É através da ludicidade que as oficinas psicopedagógicas permitem a construção, desconstrução, reconstrução do conhecimento, a expressão de sentimentos e pensamentos e a superação gradativa das dificuldades, dos sintomas.

Oficina criativa é o trabalho, em psicopedagogia, de atendimento individual ou grupal, composto de certas etapas, no qual o sujeito expressa criativamente uma imagem interna por meio de uma experiência artística para, posteriormente, organizar o conhecimento intrínseco a esse fazer expressivo. (ALESSANDRINI, 1996.p. 41)

As Oficinas Criativas utilizadas em terapias Psicopedagógicas com um enfoque educacional, onde cada ação é vivida de maneira profunda e seu desenrolar é direcionado de maneira que cada indivíduo de continuidade ao processo de descobertas, elaboração de conteúdos pessoais e significativos e expressão.

A metodologia de uma Oficina Criativa começa com uma Sensibilização onde o indivíduo entra no seu interior, onde tem contato com suas propriedades internas, percebe-se, através de canais sensoriais eternos, toca a si mesmo, não é um

momento de repetição, sendo única, podendo apenas dar indícios de modificações e não algo mais profundo.

Nesse período de sensibilização deve-se lançar mão de atividades lúdicas com exercícios corporais, com observação direcionada ou sugerida, visando com que o sujeito se vincule com a situação.

Após esse processo de sensibilização, o paciente expressa sua experiência vivenciada através de uma linguagem não-verbal, denominada *expressão livre*, no qual por meio de materiais artísticos como argila, pintura, desenho, construções com sucata, entre outros, o indivíduo é convidado a expressar seus sentimentos e pensamentos de maneira livre, organizando-os e fazendo com que tomem forma.

Durante a etapa seguinte, há a *Elaboração da Expressão*: onde, ainda de maneira não-verbal, o sujeito ressignifica sua obra e retoma os sentimentos vividos nas etapas anteriores, retrabalhando as formas e figuras.

O que havia no interior do sujeito, no inconsciente, vem à tona de forma reflexiva, levando este sujeito a aprender a lidar com aqueles sentimentos que magoavam, que ficavam escondidos e não eram trabalhados.

Na próxima etapa, deixa-se de lado a linguagem não-verbal e passa para a verbal visando ressignificar o processo através de mensagem e texto, momento em que pode-se trabalhar de maneira mais estruturada a melhora na linguagem oral e escrita, aproximando-se do fazer escolar, podendo-se escrever pensamentos, poemas e histórias. O trabalho é de forma diretiva e sistematizada, são estimuladas as funções do pensamento e de raciocínio. O indivíduo trabalha no nível TRANS, amplificando a experiência vivida.

Em seu livro *Oficinas Criativas e Psicopedagogia*, Alessandrini cita Macedo (1994) explicando as três etapas dos desenvolvimentos de uma oficina, sendo elas: um período 'pré-operatório', onde o indivíduo vai pouco a pouco constituindo as ações repetíveis, sem transformar ou coordená-las, apenas há um primeiro contato. Após, um 'operatório concreto', onde as ações se organizam em sistemas, se agrupando, obtendo certas transformações das operações. E, por fim, um 'operatório formal' com sínteses das transformações.

Uma distância reflexiva começa a ser trazida à consciência e o indivíduo começa a elaborar. Esse momento é de um valor inestimável, pois cada um trabalha simbolicamente na qualidade do poder ser original, único e criativo

dentro do encontrar recursos para clarear e delinear seu conteúdo pessoal. Eles mantem e elabora seu contato com o aspecto INTRA, estabelecendo uma relação INTER com a qualidade do TRANS. (ALESSANDRINI, 1996. p. 41)

Na etapa avaliativa, retoma-se o processo permitindo a conscientização, onde o indivíduo pode retomar cada etapa, reelaborando o que ainda não foi explicitado e avaliando a dimensão do simbólico da experiência vivida.

Essa técnica, para ser eficiente deverá durar cerca de dois anos, com encontros semanais de cinquenta minutos individuais e uma hora e meia quando em grupo e os temas devem partir do interesse do indivíduo ou do grupo.

Ao decorrer dos atendimentos psicopedagógicos através das Oficinas Criativas, trabalha-se com a linguagem verbal e com a não-verbal para dar uma nova dimensão na aprendizagem daqueles que não obtém sucesso escolar. O trabalho através da linguagem não-verbal auxilia no desbloqueio da linguagem verbal, pois são estimuladas relações analógicas e, muitas vezes, não são trabalhados no âmbito escolar que só foca na educação verbalista, formal, atendendo a um sistema que cobra resultados padrões. As Oficinas Criativas restabelecem a conexão com o conhecimento.

Trabalhar com as oficinas é permitir que a criatividade tenha espaço, que as experiências sejam expressas através da arte, dando forma e cor aos sentimentos, surpreendendo o paciente que descobre-se capaz de criar o novo, sem se preocupar com suas limitações, recuperando a autoestima e o desejo pelo novo, pelo aprendido.

O conhecimento que adquirimos sobre nosso meio ambiente nos chega por intermédio dos sentidos: “ver, ouvir, cheirar, sentir o gosto, a textura”. Nesse trabalho, tentamos reconectar a ação de aprender, usando os canais sensoriais e motores como portas de entrada para uma situação diferenciada de aprendizagem a ser incorporada pelo sujeito. (ALESSANDRINI, 1996. p. 49)

2.1 OS CONTOS DE FADAS

As histórias fazem – ou deveriam fazer - parte da vida infantil. Servem para ensinar, divertir, estimular a criatividade, ampliar vocabulário e uma infinidade de finalidade, sendo assim as Oficinas devem utilizar este recurso precioso na dinâmica

dos tratamentos terapêuticos. A história pode ser contada sem a leitura, pode ser lida, pode ser narrada, encenada, adaptada, contada com recursos, a maneira vai variar de acordo com a história e com quem vai contá-la, o importante é utilizar este riquíssimo recurso.

Os Contos de Fadas fazem parte de um leque de opções amplo, são de fácil compreensão e encantadores, pois possuem seres fantásticos, aventuras, são curtas e reconfortantes, já que não importa o que aconteça, o bem sempre vence o mal e todos são felizes para sempre, superando as dificuldades vividas no decorrer da história.

Conforme discutido no capítulo anterior, os Contos de Fadas são capazes de tocar em sentimentos profundos e que ficam no inconsciente da criança e as Oficinas, possuem o poder de trazer esses sentimentos, essas experiências à tona para que o sujeito aprenda a lidar, superar e reconhecer partes ocultas que os impede de progredir e traz os sintomas.

2.2 A ARGILA NA OFICINA CRIATIVA

O trabalho com a argila deve ser feito não apenas em terapias psicopedagógicas, mas também nas salas de aula, por seu efeito afetivo, de engrandecimento cognitivo, apenas com o uso desse material repleto de história, que ao longo dos séculos serviu de registros históricos e de materiais utilitários para homens primitivos e nativos.

Na Mitologia Grega e no Cristianismo, o homem foi criado a partir do barro, do pó, dessa pasta mineral e do sopro de vida, trazendo um amplo significado a este material, simbolizando a vida, o nascimento. Sendo assim, o sujeito revive ao recriar imagens com este precioso mineral feito pela natureza.

O universo da argila é misterioso, mágico, cada terra possui uma composição, uma cor, passíveis de ser transformado, ressignificado, quantas vezes forem necessárias e cada vez de um formato novo.

Aquele que toca esse tão nobre material, hoje, pode reviver o processo evolutivo de conquista, do homem para consigo mesmo. Pode trabalhar seu eu mais profundo, trazendo à tona a história de sua própria vida e “re-elaborando” conteúdos simbólicos provavelmente jamais trazidos no nível da consciência. Esses conteúdos estão pulsantes e vivos internamente, e, ainda que por vezes sejam desorientadores e desestruturadores, quando

emergem podem ser objetos de surpresa e alegria. (ALESSANDRINI, 1996. p. 91)

Quando o indivíduo toca e manuseia o barro, a argila, por si só, já traz seu inconsciente à tona, pois ela oferece tanto experiência tátil quanto sinestésica. Sua fluidez faz com que a pessoa se unifique com o meio, penetrando o mais íntimo do seu ser, aflorando tudo o que fica escondido, trazendo o equilíbrio. Quando este trabalho é direcionado, com intenção, assim como trabalhado na intervenção através do conto de fadas, no momento de criar os personagens com a argila, o sujeito vivencia esses sentimentos com maior consciência, facilitando o trabalho psicopedagógico e o contato com os sentimentos guardados consciente e inconscientemente.

Nota-se então, que através dos inúmeros recursos das Oficinas Psicopedagógicas, pode-se trabalhar com os Contos de Fadas e outras intervenções para que o sujeito identifique seus sentimentos e os torne parte das sessões, para que assim o terapeuta possa auxiliá-lo neste processo de descobertas e ressignificações.

3. O USO DOS CONTOS DE FADAS NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO ATRAVÉS DO PSICODRAMA

Criado pelo médico e filósofo romeno Jacob Levy Moreno (1889-1974), o psicodrama é uma terapia de grupo que permite que os indivíduos, através de papéis, de encenações, vivam as situações com forte carga emocional, permitindo que o terapeuta apreenda os sintomas presentes nas relações e que os pacientes aprendam a lidar melhor com seus sentimentos mais íntimos.

Moreno, além da formação supracitada, teve a oportunidade de estudar a psicanálise com Freud, entretanto não seguiu a mesma linha teórica, já que este estudava os sonhos das pessoas e seus significados e o primeiro dizia-se alguém que buscava dar coragem para as pessoas sonharem.

Com as oficinas psicodramáticas o autor de sua cena, o paciente, quando representa um papel, este deixa de pertencer somente a ele, passando a ser do grupo e compartilhando este momento, o indivíduo passa a ressignificar seu papel,

tornando-se autor da própria recordação, reconstruindo seu passado e passa a reconhecer-se nele. O psicodrama tem o poder de resgatar e reconstruir e construir a autoria do pensamento.

Este trabalho de ir construindo um passado para reconhecer-se nele é liberador em múltiplos sentidos. Um deles é que permite reconhecer situações que, no presente, transformaram os obstáculos em impedimentos, por terem ficado presas em acontecimentos do passado. (FERNANDEZ, 2001. p. 45)

À medida que o autor de sua cena representa um papel vai soltando em fragmentos aquilo que sua memória guardou e ressignificando estas partes, reagrupando-as em outras partes, como num quebra-cabeças para compreender o seu inconsciente. Quando este trabalho ocorre em grupo, de uma forma não coordenada pelo psicopedagogo, livre, sem muita organização, torna-se mais fácil, pois este oferece um acervo de papéis, acervo de cenas, que poderá ser utilizado pelo paciente, que vai lendo e ressignificando seus papéis e os papéis dos demais formando novas estruturas, novos significados, internalizando novos sentimentos, novas maneiras de lidar com as situações de conflitos internos.

Fernandez relata em seu livro *Psicopedagogia e Psicodrama*, 2001, a importância do trabalho em grupo para esse tipo de abordagem, a saber:

Posso observar q eficácia desse “arquivo de cenas” em diversos atendimentos grupais, ainda que se torne mais visível quando um participante relata algum acontecimento que o problematiza e está em um momento onde sua inteligência ficou tomada pela angústia. Então algum outro integrante do grupo pode dizer: *Ah! É como na “cena do chiclete na boca”* ou novamente *“a borracha no bolso”*; ou *“isso que você me diz me faz lembrar da vassoura que não varre da Cláudia”*. Então o “chiclete na boca” já não é só de Cristina, ou “a borracha no bolso” só de Teresa, ou “a vassoura que não varre” só de Cláudia: todo o grupo e inclui nelas e as inclui neles. Já não é um espaço mensurável, segundo a geometria euclidiana, onde os limites marcam o dentro e o fora como espaços definidos. O espaço “externo” do outro se torna “interno” e o interno se dissemina, ou seja, ambos (que são só um como na banda de Moebius) existem, tomam existência a partir do sair para além das fronteiras. Por algum motivo, existir é um derivado de “sair”, ‘nascer’, “aparecer” e, por sua vez, um derivado de colocar. (FERNANDEZ, 2001. p. 43)

À medida que o paciente a dramatiza, ressignifica, compartilha com o grupo, reconstrói deixa de sofrer passivamente com aquele sentimento e torna-se autor de sua própria cena.

Mas para trabalhar com psicodrama é preciso atentar-se para o ouvir em psicodrama, onde o psicopedagogo deve prestar atenção nos outros ruídos, aqueles involuntários e imperceptíveis, aqueles que o paciente tenta ocultar e não apenas aqueles movimentos que o indivíduo explicita, mas principalmente aqueles que ele deixa implícito.

Fernandez (2001) caracteriza o psicodrama como uma técnica rica para nosso trabalho por ter um poder recordativo, evocativo do inconsciente, sendo assim, esta técnica vai de encontro com o trabalho com Contos de Fadas, pois estes atingem nosso inconsciente, o fundo de nossas almas e o trabalho com o psicodrama ajudará a trazer para o consciente aquilo tudo que ficou guardado e que não fora trabalhado.

“O psicodrama como técnica se imprime em uma certa continuidade com atividades que são naturais ao ser humano e a seus processos de subjetivação. O espaço psicodramático está interligado com o espaço do jogar”. (FERNANDEZ, 2001. p. 145). E é através desse jogar que o paciente libera todo aquele sentimento enrijecido, que virou sintoma, e ressignifica para conseguir supera-los. Entretanto não basta colocar o paciente para encenar, é preciso fazer com que este jogo de papéis seja um jogo simbólico – representação corporal do imaginário -, depois passará a ser um jogo dramático e então, por fim, um psicodrama.

Portanto, vimos que o trabalho com os Contos de Fadas se interliga ao de Psicodrama por resgatar aquilo que está no inconsciente do paciente através de encenações, de papéis simbólicos, exercidos preferencialmente em grupos, mas nota-se que não basta dramatizar como num teatro, precisa significar e ressignificar estes papéis com o auxílio de um “diretor”, o psicopedagogo, que deve ter um olhar diferenciado, um observar atento ao que o paciente transmite e aquilo que fica implícito, além disto, deve participar das cenas como coadjuvante quando necessário, auxiliando o indivíduo na construção desses jogos simbólicos.

4. A RELEVÂNCIA DO TRABALHO COM CONTOS DE FADAS NA MEDIAÇÃO ATRAVÉS DOS GRUPOS OPERATIVOS.

A teoria de grupo operativo fora criada em 1940 pelo psiquiatra e psicanalista argentino Pichon-Rivière, que definiu como grupo um conjunto de pessoas, ligadas no tempo ou espaço, vinculadas por sua mútua representação interna, que se disponham, implícita ou explicitamente, a uma tarefa, uma unidade de trabalho, passada por um coordenador, interagindo em uma teia de papéis - que tendem a ser fixos a princípio, até que se configurem lideranças, as quais se tornam mais eficazes de acordo com o momento das tarefas - estabelecendo vínculos entre si. Sendo assim, esta teoria dá grande valia aos vínculos sociais, reconhecendo-os como estrutura para os processos de comunicação e aprendizagem, considerando a máxima de que o ser humano é essencialmente um ser social. Estes vínculos são a base para a rede de relações nos grupos.

Dada uma tarefa, que é compreendida no consciente, mas que também impacta uma dimensão afetiva existente no inconsciente do grupo, unindo assim os componentes, que deverão resolvê-la. Seus objetivos conscientes delimitam a tarefa externa, entretanto esta não é a única, pois há uma também tarefa interna, que consiste em trabalhar os processos vividos em nível consciente e inconsciente, dificultando e/ou muitas vezes impedindo a realização desta tarefa.

O coordenador, utilizando-se de sua técnica, auxilia no vínculo entre o grupo e o campo de sua tarefa com o propósito de esclarecimento, em partes das ansiedades, da aprendizagem, da comunicação, o esclarecimento e a resolução de tarefas confluem com a cura. Criou-se um novo esquema referencial.

Podemos resumir as finalidades e propósitos dos grupos operativos dizendo que a atividade está centrada na mobilização de estruturas estereotipadas, nas dificuldades de aprendizagem e comunicação, devidas ao montante de ansiedade despertada por toda mudança (ansiedade depressiva por abandono do vínculo anterior e ansiedade paranoide criada pelo vínculo novo e pela insegurança). Essas duas ansiedades são coexistentes e cooperantes e, se forem intensas, poderão conseguir o fechamento do sistema (círculo vicioso). (PICHON-RIVIÈRE, 2009. p. 134).

Quando há uma queixa, a aplicação dessa técnica com as famílias, consideradas grupos primários, auxilia na distribuição de ansiedades, deixando cada membro com sua carga, reorganiza-se a estrutura através dos papéis e das tarefas, onde cada membro vai compreendendo consciente e inconscientemente seu lugar,

diminuindo a segregação que possa existir, criando novos esquemas, solucionando, em grande parte, a queixa inicial do paciente.

Reforçando a ideia de que os vínculos são importantes para o aprendizado, CHAMAT (1997) cita PAIN (1985), a saber:

Na questão do diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, Pain (1985) ressalta a importância da leitura do significado do sintoma apresentado pela criança, na e para a família. Este procedimento tem a finalidade de interpretar o papel assumido pelos pais e pelo filho diante da problemática escolar. (CHAMAT, 1997. p. 75).

O “não aprender” possui um real significado no desempenho de papéis, onde a ignorância possui uma função tanto para o indivíduo, quanto para o grupo familiar, onde muitas vezes essa barreira no aprender é reflexo das patologias e projeções dos genitores, apresentadas nas dificuldades marcantes nas relações vinculares, na identidade e na significação de suas realidades internas e externas.

Para a elaboração de um diagnóstico ou até de uma intervenção psicopedagógica, não basta o conhecimento das angústias, dos medos, dos sintomas e ansiedades do paciente sem reconhecer os motivos existentes atrás da patologia em questão, numa situação família e sujeito, pois não se atinge o foco real e não se soluciona a queixa. Inclusive, recomenda-se ao profissional que antes de laudar um caso de déficit intelectual, muitas vezes rotulando um paciente, deve-se estabelecer um vínculo de confiança, autoestima e aceitação, com a finalidade de eliminar bloqueios que impedem a exteriorização do potencial daquela criança, para então verificar se há mesmo essa deficiência.

A própria psicanálise reforça que as nossas primeiras relações vinculares, são responsáveis pelas demais relações que teremos ao longo de nossas vidas, sendo na maneira de perceber o mundo ou até na maneira de se relacionar com os demais, e substancialmente, determina a maneira que iremos lidar com o desconhecido, com o novo, que está intimamente ligado com contato com o conhecimento. Sendo assim, as relações interpessoais, são baseadas nas relações primordiais firmadas com seu primeiro objeto de amor, geralmente a mãe.

Posto isto, caso haja ruídos nos primeiros vínculos, fatalmente haverá um bloqueio na afetividade impedindo um vínculo saudável entre o ensinante e o

aprendente em qualquer ambiente, rompendo o desenvolvimento do pensamento, pois para pensar, assimilar e acomodar necessita-se do confronto com o novo.

A dificuldade de aprendizagem é discutida por diferentes teorias e perpassa pelos campos da psicologia e da psicopedagogia encontrando um ponto em comum: a importância no nível de afetividade dos sujeitos, seus vínculos, que determinam o nível de envolvimento com o saber, potencializando ou recalçando o conhecimento.

Portanto, quando um indivíduo escolhe um conto em uma sessão, o fez pelo inconsciente, para buscar uma história que tenha ligação com seus bloqueios afetivos, geralmente da primeira infância, os quais causam grandes ruídos na aprendizagem e quando o terapeuta trabalha os grupos operativos e as relações vinculares com a cautela e o olhar psicopedagógico, juntamente com a análise deste conto, que dará um direcionamento ao trabalho, auxiliará o paciente a extravasar esses sentimentos, a ressignificá-los e superá-los para que tenha um contato com o aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que se trata de uma pesquisa bibliográfica, a literatura estudada apontou a importância do trabalho com os contos de fadas, independente da técnica escolhida, podendo ser psicodrama, oficinas psicopedagógicas e/ou grupos operativos, os quais fazem o papel de buscar o que o indivíduo guarda no interior, que apresentam as dificuldades de lidar com o mundo externo e com o processo de aprender, para sanar os ruídos que impedem o indivíduo de se vincular com o aprender e poder caminhar na vida escolar e nas suas relações de maneira natural, sem bloqueios, ou aprendendo a lidar com eles, pois os contos de fadas, que entram em contato com o inconsciente e afloram o que o consciente busca esconder num processo de proteção ao sujeito, são capazes de mostrar saídas para as angústias construídas no decorrer de sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRINI, Cristina Dias. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

CHAMAT, Leila Sara José. **Relações Vinculares e Aprendizagem**: Um enfoque psicopedagógico. São Paulo: Vetor, 1997.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. **Fadas no Divã**: Psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GRASSI, Tânia Maria. **Oficinas Psicopedagógicas**. Curitiba: Ibpex, 2008.

GUIMARÃES, Leonídia Alfredo. **História do Psicodrama**: da evolução do criador a evolução da criação. Disponível em: <http://www.asbap.com.br/producao/historia_psicodrama.pdf> acesso em 27/06/2017.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O Processo Grupal**. São Paulo: WMT Martins Fontes, 2009.

STEINER, Rudolf. **Os Contos de Fadas**: Sua poesia e sua interpretação. São Paulo: Antroposófica, 2012.